

# Masculinidades e masculinismos nas mídias digitais: subjetivação e ódio ao feminino na construção da subjetividade do adolescente contemporâneo

Caldas, Cimara Bandeira de Sousa  <sup>1</sup>

Paulino, Francisca Barbara  <sup>2</sup>

Trevia, Melina  <sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre os atravessamentos das mídias digitais nos processos de subjetivação de adolescentes, a partir da articulação entre psicanálise, gênero e cultura. Interroga-se como, entre meninos adolescentes, os discursos masculinistas enraizados na lógica do ódio ao feminino, se configuram como formações imaginárias de pertencimento e defesa, erigidas para conter a angústia que atravessa a desestabilização identitária na passagem da adolescência. Esta pesquisa, de cunho teórico-analítico, fundamenta-se em um aprofundamento bibliográfico sobre os modos de subjetivação masculina na adolescência, evidenciando como o laço digital sustenta gozos segregativos e virilidades compulsórias que parecem marcar suas configurações subjetivas. Argumenta-se que as plataformas digitais atuam como cenário privilegiado de repetição de discursos normativos e capturas subjetivas que reforçam estruturas de poder, exclusão e violência.

*Palavras-chave: masculinidade; masculinismo; mídias digitais; adolescência; psicanálise.*

## **Masculinities and masculinisms in digital media: subjectivation processes and misogyny in the formation of contemporary adolescent subjectivity**

## ABSTRACT

---

<sup>1</sup> Universidade de Fortaleza. Doutoranda em Psicologia na UNIFOR e Professora da Universidade Regional do Cariri (URCA). Email: cimara.bandeira@urca.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5157568528327341>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-5810-4614>.

<sup>2</sup> Universidade de Fortaleza. Mestre em Psicologia e Especialista em Psicopatologia e Políticas Públicas pelo Programa de Pós-graduação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Email: psi.barbaracosta@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4475448787306041>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-3618-9345>.

<sup>3</sup> Universidade de Fortaleza. Graduada em Psicologia. Bolsista de iniciação científica FUNCAP do Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade – LAEpCUS. Email: melinatrevia@edu.unifor.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3180511760346759>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8268-5915>.

This article proposes a reflection on the intersections of digital media in the subjectivation processes of adolescents, based on the articulation between psychoanalysis, gender, and culture. It interrogates how, among adolescent boys, masculinist discourses rooted in the logic of hatred toward the feminine are configured as imaginary formations of belonging and defense, erected to contain the anguish that permeates identity destabilization during adolescence. This theoretical-analytical research is grounded in a comprehensive bibliographic review on modes of male subjectivation in adolescence, highlighting how the digital bond sustains segregative jouissance and compulsive virilities that appear to mark their subjective configurations. It is argued that digital platforms act as privileged settings for the repetition of normative discourses and subjective captures that reinforce structures of power, exclusion, and violence.

*Keywords: masculinity; masculinism; digital media; adolescence; psychoanalysis.*

## **Masculinidades y masculinismos en los medios digitales: subjetivación y odio a lo femenino en la construcción de la subjetividad del adolescente contemporáneo**

### **RESUMEN**

Este artículo propone una reflexión sobre las intersecciones de los medios digitales en los procesos de subjetivación de adolescentes, a partir de la articulación entre psicoanálisis, género y cultura. Se indaga cómo, entre adolescentes varones, los discursos masculinistas arraigados en la lógica del odio hacia lo femenino se configuran como formaciones imaginarias de pertenencia y defensa, erigidas para contener la angustia que atraviesa la desestabilización identitaria durante la adolescencia. Esta investigación, de carácter teórico-analítico, se fundamenta en un profundo análisis bibliográfico sobre las modalidades de subjetivación masculina en la adolescencia, evidenciando cómo el vínculo digital sostiene gozos segregativos y virilidades compulsivas que parecen marcar sus configuraciones subjetivas. Se argumenta que las plataformas digitales actúan como escenarios privilegiados para la repetición de discursos normativos y capturas subjetivas que refuerzan estructuras de poder, exclusión y violencia.

*Palabras clave: masculinidad; masculinismo; medios digitales; adolescencia; psicoanálisis.*

### **INTRODUÇÃO**



**Intertérios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267292  
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:**  
**proposições, articulações e reverberações**  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267292>

Nas últimas décadas, testemunhamos a ascensão vertiginosa de discursos masculinistas nas mídias digitais, disseminados por meio de *influencers*, fóruns, plataformas e redes sociais que, longe de serem espaços neutros, operam como verdadeiros dispositivos de subjetivação. Esses ambientes, muitas vezes atravessados pela lógica da captura, convocam sujeitos (em especial, adolescentes) à adesão a modelos de masculinidade estruturados no ódio ao feminino e na reprodução de fantasias de dominação, controle e violência.

Esse fenômeno, que se articula sob a roupagem de movimentos como *redpill*, *incels*, Legendários, entre outros, expressa uma gramática contemporânea do mal-estar, na qual a masculinidade não mais se sustenta apenas na diferença, mas na negação radical da alteridade feminina. A masculinidade, assim, reconfigura-se como aparato simbólico que se alimenta da aversão, da desumanização e da violência simbólica, discursiva ou concreta direcionada ao feminino.

O surgimento do movimento masculinista, originado na Inglaterra e, gradativamente, presente no Brasil, reivindica a existência de uma suposta crise identitária masculina, ancorada na percepção de que as mulheres teriam conquistado domínio sobre a sociedade e as instituições, inclusive o ordenamento jurídico. Entre suas principais bandeiras, destaca-se a reivindicação pelo reconhecimento da violência doméstica contra homens. Demanda que, no entanto, contrasta frontalmente com os dados empíricos, os quais evidenciam que a violência de gênero incide de maneira massiva, estrutural e historicamente sobre as mulheres (Silva, 2006).

A chamada Red Pill, expressão retirada do filme Matrix (1999), é utilizada por determinados grupos como metáfora de um suposto despertar masculino diante de uma sociedade que, segundo eles, teria sido corrompida pelos ideais feministas. No enredo, o protagonista, Neo, precisa escolher entre a pílula vermelha, que revela a verdade, e a azul, que o mantém na ilusão. Essa imagem é apropriada pelo movimento para sustentar a ideia de que o homem contemporâneo deve “tomar a pílula vermelha” e recuperar uma virilidade considerada perdida diante do avanço das mulheres no campo social e simbólico (Fernandes; Oliveira; Morais, 2024).

Entre os masculinistas, também estão os *incels*, que se autodenominam “celibatários involuntários” e culpam as mulheres por sua incapacidade de estabelecer relações afetivas e sexuais. Esses homens alimentam uma retórica de ódio que frequentemente desemboca em atos de violência. Não por acaso, diversos autores de atentados em escolas, tanto nos Estados Unidos quanto no

Brasil, participavam de fóruns virtuais associados a esse grupo, onde o rancor se transforma em laço comunitário.

Diante desse cenário, impõe-se a necessidade de interrogar como as mídias digitais participam, hoje, da produção de subjetividades masculinas na adolescência, especialmente no que tange à legitimação e reprodução de discursos que amalgamam misoginia, ressentimento e violência. A adolescência, enquanto tempo privilegiado de constituição psíquica e identitária, encontra-se atravessada por essas narrativas, que oferecem saídas identificatórias precárias, calcadas na recusa da alteridade do feminino e na promessa ilusória de restauração de uma masculinidade idealizada, hegemônica e fantasiosamente ameaçada.

Refletir sobre essas tramas discursivas sob a ótica da psicanálise, articulada aos estudos de gênero e à crítica cultural, constitui não apenas uma necessidade teórica, mas um imperativo ético diante dos efeitos sociais e subjetivos que esse fenômeno engendra. É nesse entrecruzamento que se torna possível compreender como, nas superfícies digitais, forjam-se formas contemporâneas de ser homem, muitas vezes ancoradas em fantasias de onipotência e em pactos narcísicos que sustentam práticas de violência, tanto no campo do simbólico quanto no laço social.

Este artigo tem por objetivo geral analisar como as mídias digitais operam na construção de subjetividades masculinas adolescentes marcadas pelo ódio ao feminino, examinando os discursos contemporâneos de masculinidade e masculinismo presentes nas mídias digitais e os efeitos subjetivos que a exposição sistemática a esses discursos pode produzir na adolescência. Propomos analisar, portanto, como a articulação entre masculinismo e ódio ao feminino opera como força estruturante da violência de gênero no contemporâneo.

Ademais, este estudo busca elucidar o papel desempenhado pelos grupos masculinistas no cenário brasileiro, examinando suas articulações com a extrema direita e o impacto de suas narrativas políticas. Militantes masculinistas, sustentados por visões profundamente misóginas, produzem e reproduzem práticas e retóricas de ódio dirigidas às mulheres, às pessoas LGBTQIA+ e à população negra, reafirmando a lógica da subalternização desses sujeitos e defendendo, de forma aberta, a supremacia masculina nos âmbitos cultural, político, econômico e social.

O percurso metodológico que sustenta este trabalho ancora-se na psicanálise, especialmente em uma abordagem que se expande para os litorais

da cultura, das mídias e do cinema. Nosso arcabouço teórico, atravessado pela guisa psicanalítica, articula categorias fundamentais como gênero, masculinidade, misoginia, ciberativismo, fascismo e extrema direita.

Operamos a partir da premissa de que o ciberativismo constitui, hoje, o principal vetor de expansão dos movimentos masculinistas, que estreitam seus laços ideológicos com a extrema direita, muitas vezes assumindo, sem disfarces, declarações afetivas em direção ao fascismo. Tais movimentos não apenas persistem, mas se recrudescem e se consolidam como palco social de uma violência organizada contra o feminino e todas as expressões de alteridade.

## **Subjetivação adolescente e a relação com o Outro**

Para apreender como o masculinismo se inscreve nas experiências adolescentes, torna-se imprescindível revisitar o estatuto da adolescência à luz da psicanálise. A leitura psicanalítica que aqui nos orienta dista consideravelmente das definições biológicas, que reduzem o adolescer à simples maturação sexual, bem como das abordagens desenvolvimentistas que tendem a isolar a adolescência como um intervalo estanque entre a infância e a vida adulta.

A psicanálise, ao contrário, concebe a adolescência como um tempo de operação psíquica singular, marcada por uma reinserção do sujeito na trama relacional com o Outro (Rassial, 1999). Trata-se de um movimento subjetivo em que, confrontado pelas transformações corporais, simbólicas e sociais que o atravessam, o adolescente se vê convocado a reposicionar-se na economia do desejo e no laço com o Outro (Macedo, 2012).

Ressalte-se, aqui, a posição ativa que se vislumbra dessa definição, restando claro que há uma “tarefa” a ser realizada pelo adolescente, a qual só a ele caberá. Vale ressaltar que, quando se fala do Outro, refere-se ao discurso que organiza o laço social, ou seja, o sujeito adolescente ocupa um lugar nesse discurso que diverge daquele que ocupava quando ainda um infante. Assim, aquele que outrora era criança, determinado por códigos de conduta e simbolizações próprias desse período, há de fazer uma realocação, um reposicionamento em relação a esse discurso (Macedo, 2012).

Portanto, a adolescência é um período crítico do desenvolvimento psíquico, marcado por reconfigurações da identidade, reorganizações pulsionais e pela busca de novos objetos de amor e identificação. Sob a ótica

psicanalítica, trata-se de um momento de reelaboração dos significantes herdados da infância, principalmente no tocante à sexualidade e às identificações parentais, que se constroem no início da vida, mas que se definem e se encaminham no adolescer. Tais significantes se incorporam ao sujeito por meio dos pais e, depois, da sociedade (Freitas; Silva, 2014).

Dessa forma, a adolescência é percebida como um período de crises, de conflitos, pois há de acontecer uma ruptura com um laço anterior que alienava. É importante que haja esse corte, para que o sujeito emerja enquanto um “adulto em potencial”, com sua singularidade e independência como marcas de sua subjetividade. Portanto, não se trata de resolver a crise, pois esta se relaciona com a própria dicotomia do sujeito - que parece mais evidenciada nessa fase da vida - ou seja, o sujeito dividido, em permanente conflito, é algo próprio da condição desejante (Lacan, 1998).

Para Rassial (1999), há uma tentativa de saída da crise pelo sujeito adolescente - que deveria ser a elaboração de um enigma ao qual o próprio sujeito deveria dar conta. No entanto, não raro, os pais se antecipam, apontando a saída, alienando-os aos seus desejos, respondendo aos enigmas elaborados, impedindo que o jovem se aproprie de uma condição ativa que lhe possibilitará realizar a travessia para a vida adulta.

Amparando-se na leitura lacaniana, Rassial (1999) propõe uma reflexão sobre o que denomina de *sinthoma adolescente*, compreendendo a adolescência como um momento lógico decisivo na constituição dessa amarra singular do sujeito ao real. Nesse tempo de transição, o sujeito é convocado à invenção de novos significantes que lhe sirvam de sustentação: significantes menos vinculados às figuras parentais e mais próximos de uma tentativa singular de nomeação do mal-estar que o atravessa.

A construção do *sinthoma*, nesse contexto, manifesta-se como uma resposta própria, uma costura subjetiva diante do desmoronamento dos referenciais infantis. No entanto, essa travessia não se dá sem efeitos de angústia: a perda dos antigos pontos de ancoragem daquilo que um dia ofereceu chão, orientação e acolhimento, revela-se como uma experiência de desenraizamento que desestabiliza e convoca o sujeito a uma nova forma de habitar a falta.

É nesse compasso que podemos evocar uma cena da obra *A vida mentirosa dos adultos*, de Elena Ferrante, em que a protagonista, aos treze anos, desliza suas palavras como quem tateia o próprio abismo:

Talvez, naquele momento, tenha se rompido algo em alguma parte do meu corpo, talvez eu devesse situar ali o fim da infância. Certamente, me senti como um recipiente de pequenos grãos que, de maneira imperceptível, caíam para fora de mim por uma fissura minúscula. [...] Senti o vazio doloroso que em geral surge quando de repente nos é tirado algo do qual nada aparentemente poderia nos separar (Ferrante, 2020, p. 45).

Assim, realizando uma breve e frugal interpretação, esse “recipiente de pequenos grãos” pode ser considerado o receptáculo dos ideais parentais, das referências e significantes dados pelo Outro, que se esvaem na puberdade. Ademais, a personagem narra o “vazio doloroso” que fica com esse desvanecimento, que parece da ordem do desamparo. Portanto, denota-se o quão dolorosa pode ser essa travessia.

Ressalte-se que a adolescência não pode ser compreendida de forma apartada do contexto histórico. A adolescência, tal como a infância, é uma invenção recente. Essa fase da vida foi, por muito tempo, invisibilizada (Ariès, 1981). Pode-se datar a década de 1960 como período de eclosão da adolescência com suas singularidades e identidade própria, dando a esta fase a devida importância cultural e social. Este marco se deve ao protagonismo que os jovens tiveram em alguns momentos políticos e culturais relevantes, como, por exemplo, em manifestações contra a Guerra do Vietnã (Osgerby, 1998). Na literatura psicanalítica, Freud pouco desenvolve sobre a adolescência, trazendo, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (2016), a puberdade como etapa decisiva de reorganização da sexualidade, intensificando-se o desejo sexual dirigido a um objeto sexual.

Neste íterim, a adolescência da pós-modernidade, a como nomeia Bauman (2001), deve ser vista em suas especificidades. Segundo o autor, vivemos uma época de instabilidade, de enfraquecimento de instituições estáveis - como a Igreja e a família - de forte individualismo e relações sociais frágeis, a qual denomina de modernidade líquida. Para os adolescentes, que atravessam uma fase que, por si só, é permeada por instabilidades, a vivência desse contexto não é sem consequências. Assim, pode-se eleger a internet como símbolo desse contemporâneo, ou dessa modernidade líquida: instável, não se configura como *locus* no qual se pode ter um mínimo de previsibilidade. Também consubstancia um *locus* no qual domina o individualismo, cada pessoa expressando opiniões, exibindo a imagem de si mesmo que considera mais adequada, e onde as relações pessoais são extremamente instáveis, posto que permeadas pela tela.

Dessa forma, a influência das mídias sociais aparece como um fator que influencia a constituição do sujeito adolescente. Outrora, a ruptura que o sujeito adolescente realizava com o Outro ocorria no social, na convivência, e este sujeito, via de regra, se deparava com a lei, com o limite, com a castração. No âmbito digital, *locus* no qual essa ruptura hoje ocorre - pois as relações sociais, de forma geral, desenvolvem-se por esse meio, o que foi exacerbado com a pandemia de COVID-19 - não há limites. Portanto, a adolescência, como travessia para a vida adulta, encontra essa importante dificuldade, com a qual ainda não sabemos lidar.

Importa reconhecer a potência latente que habita a adolescência contemporânea, frequentemente reduzida a diagnósticos apressados e discursos fatalistas que rotulam os jovens como uma “geração perdida”. Contra essa leitura empobrecida, propomos outra escuta, que leve em conta a complexidade e a riqueza do processo subjetivo em curso. Nesse percurso, a presença dos pais não atua como um freio ao desejo que desponta, mas como um “chão simbólico” a partir do qual o adolescente pode arriscar-se no desconhecido, sabendo-se amparado em caso de queda.

Ainda que esse tempo implique o afastamento e a reinvenção de laços, é no reconhecimento da presença parental, não invasiva, mas sustentadora, que o sujeito pode elaborar a separação necessária para constituir-se. Como assinala Sonia Alberti (2004), é precisamente essa presença estruturante que permite ao adolescente desempenhar a delicada operação de separar-se sem romper-se.

Contudo, o que se observa com inquietante frequência na contemporaneidade é uma espécie de desistência silenciosa por parte dos pais, uma renúncia ao compromisso de sustentar simbolicamente o sujeito adolescente em sua travessia. Muitos, consumidos por rotinas exaustivas e ainda enlutados pela perda da criança que já não é, encontram-se desorientados diante das novas demandas subjetivas que emergem nesse tempo. Essa ausência simbólica, ainda que nem sempre intencional, deixa um vazio fértil para que discursos diversos se instalem e, sob o disfarce de pertencimento e identidade, ofereçam ao jovem uma falsa ancoragem. É nesse terreno, onde faltam referências encarnadas na escuta e na presença, que ideologias muitas vezes insidiosas encontram morada e capturam o desejo vacilante do adolescente.

## **O adolescente e o ideal de masculinidade nas mídias digitais**



**Interritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267292  
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:**  
**proposições, articulações e reverberações**  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267292>

Partindo da concepção de que a adolescência constitui um tempo atravessado por intensos movimentos identificatórios, nos quais o sujeito se orienta pela busca de referências externas como tentativa de inscrição no mundo, a ausência de garantias internas que poderiam conferir estabilidade ao processo de construção identitária acaba por abrir espaço para que significantes alheios se imponham como organizadores simbólicos da subjetividade em formação. Nesse espaço, figuras que circulam com autoridade no campo das redes digitais, como influenciadores, *streamers* e personagens dos jogos online, passam a operar como pontos de ancoragem, oferecendo imagens de reconhecimento e pertença.

Para Freud (2010), essa busca por identificação com figuras dotadas de valor simbólico está enraizada na formação do Ideal do Eu, instância psíquica constituída por exigências, valores e ideais que o sujeito internaliza e que lhe servem como modelos de perfeição a serem almejados. Durante a adolescência, fase em que a estrutura subjetiva se reconfigura sob o signo da ausência e da reconstrução, essas figuras externas são investidas como projeções imaginárias do que se deseja ser, funcionando como bússolas psíquicas que, ainda que frágeis e transitórias, orientam os contornos do Eu em formação.

Neste íterim, as figuras de autoridade nas redes sociais costumam encarnar a masculinidade como modelos padrões e hegemônicos, tendo como pressupostos: a virilidade, a autossuficiência, o domínio das emoções, dentre outros. Nas redes sociais, os influenciadores, de quaisquer setores, acabam assumindo um papel de pai, ou mesmo do pai simbólico (Lacan, 1998). Dessa forma, tais influenciadores apresentam-se como sujeitos detentores de um saber, supostamente verdadeiro, sobre o que é ser homem, orientando os adolescentes sobre suas condutas, vestimentas, relacionamentos e posicionamento diante dos desejos.

Assim, tais desejos são influenciados inclusive pela própria configuração do campo do Outro, que recebe interferências diretas dos algoritmos e da visibilidade digital, criando um cenário em que o sujeito pode, cada vez mais, perceber-se pertencente, reconhecendo-se e identificando-se, já que as cenas dos algoritmos se repetem, e se repetem. Dessa forma, funciona como se todo o conteúdo existente naquela perspectiva digital fosse exatamente a mesma questão, porém, com personagens diferentes. As curtidas, as visualizações e os comentários, por sua vez, configuram-se como uma aceitação simbólica que funciona como frágil garantia de uma identidade, que nunca é suficiente para

compreender ou preencher a falta, que é estrutural do próprio sujeito (Lacan, 1998).

Portanto, a masculinidade é oferecida por figuras nas redes sociais, no *online*, apresentando-se como uma completude em forma de promessa, ou seja, um ideal que apaga a castração simbólica do sujeito, oferecendo uma fantasia ilusória em que o desejo, a fragilidade e as diferenças são negadas. É como Lacan (1998) nos coloca ao falar sobre o sujeito masculino, que “se estrutura na relação com o falo simbólico”. Assim, se o discurso das redes sociais promove a figura de um homem completo, incansável e forte, a adolescência se mostra como uma condição incompatível, fragilizada em sua construção, pois o que é reforçado pelas redes sociais é um ideal de completude e perfeição que, vale ressaltar, não existe. Tal situação traz conflitos na adolescência para alguns sujeitos, que entram em dilemas por desejo de pertencimento e também para serem reconhecidos por seus pares.

Nessa perspectiva, o ideal de masculinidade acaba assumindo um papel importante no processo de subjetivação dos meninos, fornecendo modelos simbólicos com os quais o sujeito buscará, como forma de se identificar ou se posicionar frente a eles. Para Freud (2010), a construção do “Ideal do Eu” ocorre a partir da introjeção que é trazida pelas exigências e valores do meio, e que, por sua vez, forma uma instância psíquica que serve de modelo para o ego. O Ideal do Eu é uma referência normativa que funciona como guia e como fonte de sofrimento, pois o sujeito dificilmente consegue atingir o padrão esperado, ou mesmo idealizado. Ademais, na adolescência esse conflito subjetivo se intensifica, pois o sujeito adolescente, diante das mudanças pulsionais e corporais, aventura-se em busca de novas identificações que possam torná-lo capaz de sustentar-se, ele mesmo, no laço social.

Lacan (1998), amplia a noção freudiana sobre a ideia de que o sujeito é estruturado pela linguagem e, assim, inscrito no campo do Outro. Dessa forma, a masculinidade, como uma das formas de identidade, não é uma essência natural, mas sim, um significante simbólico, que é marcado tanto pela falta, como pelo desejo. Ou seja, a masculinidade é uma tentativa de tamponar uma falta constitutiva do sujeito, oferecendo-lhe uma imagem completamente imaginária de uma ideia de completude.

Na contemporaneidade, utilizam-se as redes digitais como uma função sobre o papel de mediadores do campo do Outro. As redes digitais, nesse contexto, oferecem, até mesmo em tempo real, imagens e discursos que organizam as formas de ser homem, que acabam sendo reforçados frequentemente por ideais fálicos de virilidade, dominação, força e autonomia

(Miller, 2002). Tais ideais são reforçados e espetacularizados, gerando uma intensificação das exigências sobre o adolescente em formação, que projeta nas redes ideais inatingíveis. Esse processo, por sua vez, acaba contribuindo para a vivência com a angústia, com a inadequação e com o fracasso.

Nesse contexto, pode-se visualizar a lógica da performance e da visibilidade nas redes, que se articulam com o narcisismo próprio da adolescência, pois o adolescente, ao buscar o reconhecimento e pertencimento, lança-se a uma exposição, comparação e validação, que, muitas vezes, visa à adequação ao que imagina ser do Outro. Para Miller (2002), o sujeito contemporâneo está em uma constante intensificação da exigência de gozar. Assim, masculinidade idealizada nas redes pode ser uma forma de funcionar como imperativo de gozar virilmente, ou seja, exibir força, autossuficiência e apelo sexual constante.

Dessa forma, lembramos que, para a psicanálise, toda identificação é marcada pela divisão do sujeito, não existindo possibilidade de completude no ideal. Portanto, o trabalho com adolescentes, principalmente o clínico, deve ser de acolhimento à angústia que se apresenta frente a inconsistência dos ideais de masculinidade, permitindo, assim, que novas formas de ser homem possam surgir a partir do desejo singular de cada sujeito, e não da submissão às normas coletivas e imagéticas (Freud, 2010).

## **Mídias digitais como aparelhos de produção da subjetividade**

Na contemporaneidade, as mídias digitais configuram-se como espaços fundamentais para a produção da subjetividade, especialmente entre os adolescentes, cuja imersão nesse universo se intensifica progressivamente. Sob o olhar da psicanálise, reconhece-se que o sujeito se forma a partir da relação com o Outro, sendo atravessado por discursos, normas e significantes que o precedem e o estruturam (Lacan, 1998).

Dessa forma, as redes sociais, plataformas de vídeo, jogos *online*, influenciadores digitais, acabam assumindo uma “nova” função de um “novo Outro”, que, por sua vez, oferece imagens, discursos e ideias a serem incorporados, que podem atender tanto ao público masculino como o feminino. Alberti (2004) escreve, ao conceituar a palavra Outro, com O maiúsculo, por não se tratar de um outro qualquer, mas de uma especificidade em relação aos tantos outros que o sujeito se relaciona. Tal relação pode estar associada com uma preexistência, que pode ser a única instância que o bebê pode ter, ao

apelar para o desamparo. E, à medida que o bebê cresce, adquirindo suas próprias experiências, vai incorporando a alteridade, podendo, assim, determinar sua constituição.

O sujeito adolescente cria, em seu processo de constituição, experiências das quais esse Outro faz parte, o que não se torna um impeditivo para que o sujeito adolescente busque reconhecer, em outros substitutos também, novas experiências no decorrer de sua vida. O próprio inconsciente do sujeito adolescente pode ser o Outro, alteridade na qual esse sujeito acaba não mais se reconhecendo como sendo ele mesmo (Alberti, 2004). Para os adolescentes meninos, tal campo se amplifica de forma simbólica, fazendo circular modelos de masculinidade hegemônica que reforçam valores como força, performance, vulnerabilidade emocional e domínio do outro.

Quanto às inovações que as tecnologias proporcionam à humanidade, estas apresentam-se como fascínio e horror ao mesmo tempo, pois, se por um lado, ofertam invenções que fortalecem o campo da ciência, oportunizando avanços tecnológicos, de outro, mostram-se imprevisíveis, produzindo alianças econômicas e políticas que vão regulando os costumes e as relações de trocas entre as pessoas (Baptista; Jerusalinsky, 2017). Assim, para Baptista e Jerusalinsky (2017), a internet transforma a forma com que as pessoas se relacionam, pois está implicada diretamente nos efeitos discursivos das vivências dos sujeitos, principalmente dos que a utilizam. É como se a palavra “clique” ocupasse uma posição de significado muito forte no público que utiliza as redes, ou seja, uma sociedade que se encontra afogada no navegador da internet. Não obstante, há países e regiões específicas que sofrem com a falta de inclusão digital, porém, ainda assim, a internet ocupa esse papel de moldar e ser o Novo Outro dos sujeitos.

Dessa forma, virtualmente, as mídias digitais podem desencadear nos sujeitos uma questão imaginária, sustentada pelo Eu-ideal, que é esvaziada de sentido, pois exalta uma vida diferente, no ambiente virtual, em relação à vida real. Assim, há uma ideia de comparação que influi na própria constituição do sujeito. Pode-se fazer uma comparação com o estágio do espelho, em que o olhar do Outro produz um endereçamento a uma imagem ideal de si mesmo, ou seja, as mídias digitais parecem ocupar “um lugar análogo ao espelho da rainha má do conto da Branca de Neve, produzindo a emergência de amor-ódio, ciúmes e inveja [...]” (Baptista; Jerusalinsky, 2017, p. 23).

Assim, nos sujeitos adolescentes a dinâmica é a mesma. Podemos citar como exemplo a série “Adolescência”, que traz uma narrativa acerca de um adolescente de treze anos acusado da morte de outra adolescente.

Desenvolve-se em meio a uma investigação que paira no uso das mídias digitais, lugar este utilizado para atacar outros adolescentes que são identificados a partir de “sinais” que o *cyberbullying* desencadeou. Tal palavra pode ser conceituada como o *bullying* praticado nas mídias digitais. Essa série foi citada como forma de exemplificar o eu-ideal de um adolescente, bem como sua constituição subjetiva em meio ao que de fato se apresenta no real, para sua família (Adolescência, 2025).

Dessa forma, podemos afirmar que, com o advento das mídias digitais, o Outro assume novos contornos. As redes sociais, as plataformas de vídeo, os jogos *online* e os mecanismos algorítmicos tornam-se um verdadeiro aparelho de produção de subjetividade, já que se relacionam com os significantes que os sujeitos adolescentes se identificam, como as imagens e os ideais. É o que foi pensado por Guattari (1992) ao falar sobre máquinas de subjetivação, associando-as com as mídias digitais, formulando e moldando os desejos, os afetos e até mesmo os padrões de comportamento em que os sujeitos se apoiam. Algo que ainda dialoga com a ideia de que a cultura é estruturante na subjetividade, ideia que é posta por Lacan (1998).

Assim, tendo em vista que, na adolescência, há um processo de reorganização das identificações, e, ao mesmo tempo, de novos significantes que possam sustentar a identidade desses sujeitos, a internet, que dissemina ideologias diversas, apresenta-se como um meio contemporâneo no qual ocorre a identificação. O sujeito adolescente está em um atravessamento em que vivencia o luto de um corpo infantil e da idealização de seus pais, construindo novos ideais e identificações no campo do social, da cultura e do meio. Dessa forma, as mídias digitais se mostram sedutoras e se apresentam como sendo figuras de autoridade, de influência de discursos normativos. Pontos estes que podem fornecer aos sujeitos adolescentes reconhecimento e pertencimento (Aberastury; Knobel, 1970).

Por fim, faz-se importante lembrar que o ideal no processo de transição - atravessamento do sujeito infantil para o sujeito adolescente - é que estes se afastem dos pais, e não que os pais se afastem deles, pois, se é vivenciado um luto simbólico, estes sujeitos precisarão de uma estruturação subjetiva do que seriam os seus ideais. Se os pais os deixam, os filhos podem procurar em qualquer espaço, inclusive nas mídias digitais, novas referências (Aberastury; Knobel, 1970).

## Masculinidades e Masculinismos



**Interritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267292  
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:**  
**proposições, articulações e reverberações**  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267292>

A persistência da violência dirigida ao feminino se revela como um traço estrutural das formações socioculturais, atravessando a história como uma sombra silenciosa, sempre retinente às promessas civilizatórias. Desde tempos imemoriais, essa violência se inscreve nas tramas da cultura, assumindo múltiplas formas que se adaptam e se renovam à medida que se transformam os movimentos históricos e os rearranjos do laço social.

Diante desse panorama, torna-se imperativo nomear o fenômeno aqui estudado como masculinismo: um movimento social de viés conservador e reacionário que articula e difunde a narrativa de uma crise identitária masculina, projetada como resposta ao suposto predomínio feminino sobre os aparatos sociais e institucionais. Trata-se, portanto, de uma configuração específica de masculinidade, na qual aos homens se confere, quase como um direito natural, a autoridade sobre as mulheres. Essa lógica que sustenta o heteropatriarcado opera, sobretudo, na produção de uma superioridade imaginária e universal dos homens, estendendo-se não apenas sobre as mulheres, mas também sobre os outros seres vivos, consolidando uma ordem hierárquica que atravessa tanto as relações de gênero quanto as relações com a própria vida não humana (Collins, 2024).

Nessa perspectiva, sustenta-se a ideia de que os homens estariam sendo oprimidos ou silenciados por uma sociedade supostamente capturada pelas feministas, às quais se atribui o controle das instituições e dos discursos, reforçando a narrativa de uma crise identitária masculina. Longe de constituir um vestígio de tempos remotos, o masculinismo persiste atuando de forma incisiva na contemporaneidade, desafiando os discursos de modernidade, igualdade e direitos, e reconfigurando-se sob novas gramáticas que encontram nas mídias digitais um terreno fértil para sua difusão, ampliação e refinamento (Fernandes; Oliveira; Morais, 2024).

Dentro desse espectro, ganha força a vertente conhecida como Red Pill, nascida em comunidades virtuais marcadas pelo ressentimento e pela sensação de perda de um lugar de privilégio outrora naturalizado (Dupuis-Déri, 2009). O rechaço ao feminino, portanto, não se extingue nem se dilui; ao contrário, metamorfoseia-se, ajustando-se aos dispositivos técnicos e às sutilezas subjetivas que atravessam o presente. No entanto, para compreender a persistência dessa lógica de dominação, é necessário retornar às suas raízes históricas.

O movimento masculinista consolida-se de forma mais estruturada a partir do século XIX, especialmente com a criação de associações organizadas em resistência ao sufrágio feminino, sinalizando que as tensões em torno da masculinidade e da autoridade masculina possuem uma longa trajetória que atravessa o tempo e os contextos sociais. Dois acontecimentos históricos são fundamentais para compreender esse processo: a Revolução Industrial e as guerras mundiais.

Essas transformações provocaram rupturas profundas no papel social do homem burguês, à medida que a crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho desestabilizou os pilares da virilidade hegemônica, até então sustentados pelo domínio do espaço doméstico. Esse deslocamento, ao mesmo tempo simbólico e material, gerou nos homens sentimentos de perda, insegurança e mal-estar narcísico, fomentando o surgimento de movimentos de defesa identitária centrados na reafirmação dos ideais tradicionais de masculinidade (Silva, 2023).

Na década de 1960, o avanço dos movimentos feministas e dos estudos de gênero intensificou o questionamento crítico sobre o lugar hegemônico ocupado pelo homem cis-heteronormativo, desestabilizando os alicerces simbólicos da dominação masculina e evidenciando a artificialidade das hierarquias de gênero. Os pressupostos binaristas e essencialistas que sustentavam concepções rígidas de sexo, gênero e sexualidade passaram a ser vigorosamente problematizados, abrindo caminho para abordagens que reconhecem as condicionantes históricas, sociais, culturais e políticas na constituição das identidades e na produção das diferenças (Silva, 2023).

Já na década de 1980, a chamada “crise da masculinidade” passa a ocupar espaço no debate público e nos meios de comunicação (Voks, 2021). No entanto, falar em crise da masculinidade mostra-se controverso, sobretudo quando se considera o robusto arcabouço de privilégios historicamente associados ao gênero masculino. Homens situados na intersecção de raça, classe e heterossexualidade normativa, como brancos, de classe média e heterossexuais, tendem a se projetar como arquétipos universais da condição humana, ignorando as determinações estruturais que gênero, raça e classe impõem às suas próprias existências (Oliveira, 2004).

Progressivamente, esse movimento expandiu sua influência para o território brasileiro, onde se empenha em denunciar supostas injustiças e

desigualdades a que os homens estariam submetidos, com destaque para as alegadas arbitrariedades do ordenamento jurídico. Ao construir uma narrativa de vitimização masculina, busca-se responder defensivamente às transformações nos papéis sociais e à reconfiguração das relações de gênero que se consolidam na contemporaneidade (Silva, 2006).

Como observa Sodré (2006), a emoção, quando utilizada como instrumento político, torna-se mecanismo de controle e produção identitária, gerando uma espécie de felicidade fabricada, moldada para assegurar pertencimento e obediência. Nesse contexto, termos como Red Pill, alfa e beta adquirem força estética e simbólica, condensando em poucas palavras o desejo de hierarquia e dominação. O discurso masculinista se apresenta, assim, como um ritual de poder em que a exaltação sensível mascara a violência moral e política que o sustenta (Fernandes; Oliveira; Morais, 2024).

Essa dimensão emocional e simbólica do masculinismo conecta-se diretamente à arquitetura estrutural da dominância masculina. Para Pierre Bourdieu (2010), a desigualdade entre os sexos não é um dado biológico ou fenômeno espontâneo, mas resulta da inscrição sistemática de diferenças no corpo coletivo, por meio da ação convergente de instituições estruturantes como a Igreja, o Estado e a Escola. Trata-se de uma arquitetura simbólica cujo objetivo é proteger e expandir o capital simbólico masculino. Tal capital, para se sustentar, depende de estratégias cuidadosamente articuladas, envolvendo a fecundidade, o matrimônio, a formação das novas gerações, a distribuição de bens e, sobretudo, a reprodução da ordem que mantém o homem em posição de dominação.

Para Patricia Hill Collins (2024), a supremacia branca e o heteropatriarcado operam como dispositivos ideológicos profundamente interseccionais, cuja articulação não é meramente contingente, mas estrutural. Ao se entrelaçarem, sustentam e legitimam os pilares do colonialismo, funcionando como matrizes de racionalização da violência, da exploração e da hierarquização dos corpos. Ambos conformam um projeto político de alcance global, no qual a centralidade epistêmica, política e ontológica é sistematicamente atribuída ao sujeito homem, branco, cisheteronormativo, erigindo-se como medida universal da existência e da humanidade.

O masculinismo, nesse contexto, está intrinsecamente articulado às estruturas imperiais e aos projetos coloniais, historicamente responsáveis por

sustentar e perpetuar dispositivos de dominação, exploração e extermínio. É nesse cenário que, no interior da experiência masculina moderna, começam a se delinear as primeiras respostas àquilo que se convencionou nomear como crise da virilidade, evidenciando movimentos de recomposição subjetiva frente aos deslocamentos que tensionam os lugares tradicionais do masculino.

Sob a justificativa de proteger os chamados “direitos dos homens”, os adeptos do autodenominado masculinismo erigem sua doutrina como reação defensiva às conquistas históricas do feminino no campo da cultura, buscando restaurar um ideal narcísico profundamente abalado pela insurgência das mulheres contra a posição de subalternidade que lhes foi historicamente atribuída. Essa reação encontra respaldo na própria literatura masculinista, que estrutura sua lógica a partir de uma matriz dicotômica e rigidamente normativa (Silva, 2006).

De um lado, impõem-se interditos simbólicos aos homens, proibindo-os de expressar emoções, manifestar fragilidade, associar-se ao universo do feminino ou à homossexualidade, além de rechaçar qualquer traço percebido como passivo, submisso ou frágil. De outro, são reiterados imperativos afirmativos que forjam o ideal de masculinidade: ser forte, viril, destemido, heterossexual, provedor, dominador, autoconfiante, agressivo, independente e ocupar posições de liderança.

Esse modelo hegemônico ancora-se na lógica do “ter” e do “fazer”. No “ter”, destacam-se força física, poder econômico, músculos, pênis, cromossomo Y, patrimônio, filhos homens, estabilidade financeira e controle emocional. No “fazer”, incluem-se a capacidade de procriar, sustentar financeiramente a família, acumular parceiras sexuais, servir à pátria e enfrentar situações adversas. Assim, tanto os marcadores biológicos quanto os traços psicológicos foram historicamente mobilizados como dispositivos para assegurar e reproduzir a hierarquia de gênero, mantendo a supremacia masculina sobre as mulheres (Silva, 2006).

Nesse cenário, diversos grupos que se identificam como “*coachs* da masculinidade” emergem como porta-vozes de discursos misóginos, ainda que operem sob diferentes nomenclaturas: ora como *incels*, ora como *redpills*, mais recentemente como “masculinistas”. Trata-se, na verdade, de variações nomenclaturais de um mesmo fenômeno: uma resistência à reconfiguração dos

papéis sociais e sexuais, convocada pelas transformações que atravessam o laço contemporâneo.

Exemplos emblemáticos desse fenômeno incluem os chamados “clubes de restabelecimento da masculinidade”, assim como grupos de escuta, rodas de conversa e espaços terapêuticos destinados exclusivamente aos homens. Esses agrupamentos proliferam camuflados sob a aparência de discursos sedutores, pautados na orientação, no autocuidado e no “desenvolvimento pessoal masculino”. Sob essa roupagem pretensamente terapêutica e restauradora, autoproclamados mentores da chamada “masculinidade autêntica” conclamam os homens ao resgate de uma virilidade fantasmática, imaginariamente ameaçada pela ascensão do feminino.

Esses dispositivos apresentam-se como promotores de um suposto despertar de uma “consciência masculina”, propondo mapear os conflitos e os impasses subjetivos que atravessam o masculino na contemporaneidade. Reencenados no palco das plataformas digitais, são catalisados por influenciadores que desempenham papel central na propagação desses discursos. Inseridos em um ambiente virtual marcado pelo isolamento, pela solidão e pela precarização dos laços, esses sujeitos encontram terreno fértil para capturar subjetividades vulneráveis, particularmente suscetíveis a narrativas que reiteram o rechaço ao feminino, agora travestido de discurso de orientação, fortalecimento emocional e desenvolvimento pessoal masculino.

Não por acaso, tais agrupamentos tendem a atrair sujeitos emocionalmente fragilizados em suas relações interpessoais, oferecendo-lhes um senso de pertencimento, ainda que sustentado na lógica do ódio que, no fundo, pode ser compreendido como a expressão distorcida de uma atração não elaborada frente à alteridade representada pelo feminino. Ademais, como já mencionado, o sujeito adolescente também se encontra nessa posição de vulnerabilidade, dado o momento vivido, no qual busca novas identificações, rechaçando os ideais parentais.

Nesse cenário, criadores de conteúdo que propagam discursos misóginos passam a explorar, de maneira calculada, a dificuldade de muitos homens e meninos em estabelecer vínculos afetivos e sociais, instrumentalizando suas fragilidades como estratégia para conquistar visibilidade, engajamento e poder simbólico. Alguns desses influenciadores, inclusive, alcançam notoriedade ao prescrever abertamente táticas de

manipulação emocional das mulheres, operando diretamente sobre as inseguranças e feridas narcísicas de sujeitos que se percebem fracassados ou excluídos no campo das relações amorosas e sexuais.

Contudo, esse movimento revela-se profundamente ambivalente: se, por um lado, insinua uma possível ressignificação dos imperativos de gênero, por outro, opera, de forma recorrente, na reafirmação de modelos tradicionais de virilidade, agora reciclados sob a estética dos discursos de autocuidado, desenvolvimento pessoal e fortalecimento emocional.

Não por acaso, proliferam nas mídias contemporâneas representações de homens que, diante do avanço das conquistas femininas, sentem-se ameaçados, desestabilizados ou diminuídos e, como reação defensiva, investem em práticas de violência, seja ela simbólica, discursiva ou concreta, na tentativa de restituir a posição de supremacia que acreditam ter perdido no ordenamento social. Neste sentido, Patricia Hill Collins (2024) aponta que:

A violência se tornou o fio condutor de uma masculinidade branca instável, posição em que nunca se poderiam ter certeza (...) de que as mulheres brancas não estavam apenas fingindo ser submissas ou de que o filho branco não era gay (Collins, 2024, p.104).

Assim, embora se apresentem revestidos pelos vernizes da modernidade digital, esses movimentos não fazem senão reinscrever, sob novas roupagens, os velhos afetos inconscientes que estruturam o laço social, particularmente a hostilidade dirigida ao feminino. Longe, portanto, de se constituírem em meros caprichos discursivos, revelam a cristalização de conteúdos inconscientes que, reatualizados sob a forma de um discurso misógino reiterativo, sustentam-se na tentativa de restaurar uma autoridade simbólica em franca decadência, conduzidos por sujeitos que se posicionam como guias da chamada “masculinidade”.

Ainda que esses movimentos adotem, ao longo do tempo, diferentes nomenclaturas, sua estrutura simbólica e pulsional permanece essencialmente inalterada. Nesse cenário, observa-se que estes coletivos masculinos se alimentam de ressentimentos e frustrações, sobretudo de ordem sexual, mobilizados por influenciadores que encarnam figuras masculinas atravessadas pelos traços do ideal do chamado “macho tóxico”.

No entanto, o que seus discursos efetivamente revelam é a irrupção dos restos pulsionais de um recalque mal elaborado: resquícios de um embate psíquico não simbolizado diante da alteridade representada pela mulher. Trata-se de um retorno insistente do recalcado, que se manifesta sob as formas do ódio, do ressentimento e da violência, seja ela simbólica, discursiva ou concreta (Caldas, 2025).

O masculinismo trata-se, portanto, de um termo que, ao adentrar o léxico digital contemporâneo passou a designar a violência, a virilidade e a dominação como atributos estruturantes e, por vezes, naturalizados do masculino. A lógica que sustenta o semblante homem fundamenta-se na violência enquanto estratégia de sutura diante do rasgo estrutural que fragiliza a consistência desse masculino, concebido como um semblante ancorado na noção de gozo fálico (Mesquita; Corrêa, 2021).

Ainda conforme Mesquita e Corrêa (2021), essa operação organiza o conjunto denominado “todo-homem”, evidenciando as tentativas paradoxais e fracassadas de conferir uma consistência ontológica a esse agrupamento. Nesse movimento, a violência e a virilidade funcionam como sustentáculos imaginários que embasam a ilusão de unidade e completude. O sujeito que se posiciona no masculino parece estruturar-se de forma capturada pela lógica da dominação, valendo-se desses elementos para assegurar sua própria consistência subjetiva.

Essa dinâmica se manifesta também na esfera discursiva, materializando uma faceta do discurso misógino que permeia a nova configuração da extrema-direita de viés masculinista. Silva e Oliveira (2018) apontam que tais enunciados revelam um pacto social que congrega elites e segmentos populares masculinos, especialmente aqueles de baixa renda, seduzidos pela promessa de preservação de sua honra e manutenção dos privilégios historicamente associados ao ser homem.

Nesse contexto, revela-se urgente a problematização do masculinismo, compreendido como um desdobramento direto da masculinidade hegemônica que convoca os homens e meninos à prática da violência: seja contra si mesmos, seja, sobretudo, contra as mulheres. Contudo, o acesso a materiais relacionados ao masculinismo no Brasil permanece bastante restrito, especialmente porque muitos dos ambientes virtuais que antes hospedavam

esses conteúdos foram removidos em razão da veiculação de discursos violentos e inapropriados.

O que se pode afirmar com segurança é que a misoginia constitui o fundamento estruturante desse movimento. É, entretanto, imprescindível distinguir claramente a misoginia do masculinismo: enquanto a misoginia se configura como um sentimento de ódio e repulsa direcionado às mulheres, o masculinismo se caracteriza como um movimento organizado, sustentado por uma ideologia patriarcal e misógina. Desse modo, embora nem todo misógino possa ser classificado como masculinista, é indiscutível que todo masculinista carrega, em sua essência, a marca indelével da misoginia.

O enfrentamento das violências estruturais que atravessam o masculino exige o desvelamento crítico dessas dinâmicas, abrindo espaço para a construção de práticas subjetivas e sociais capazes de romper com os ciclos e ideologias de dominação. Este trabalho buscou evidenciar a existência de um pacto estruturante entre o masculinismo e o Estado-nação, que privilegia os fantasmas coloniais da branquitude masculina cisheterossexual como fundamento daqueles reconhecidos como cidadãos legítimos e, por consequência, como integrantes permanentes da ordem hegemônica.

Ao longo desta análise, procurou-se demonstrar o caráter nocivo do masculinismo, em especial do movimento Red Pill, cuja lógica se sustenta no desejo de controlar a liberdade e a sexualidade das mulheres por meio de discursos moralizantes e práticas abertamente misóginas. Trata-se de uma tentativa de reafirmar o domínio masculino diante das transformações sociais que questionam os privilégios historicamente naturalizados, revelando como as estruturas de poder simbólico e material se entrelaçam para perpetuar hierarquias de gênero, raça e sexualidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo buscou compreender como as mídias digitais operam na constituição de subjetividades masculinas adolescentes atravessadas por discursos de ódio ao feminino, tendo como eixo teórico a psicanálise articulada aos estudos de gênero e à crítica cultural. A hipótese formulada, em diálogo com a revisão da literatura, corrobora a ideia de que os espaços digitais não apenas reproduzem formas totêmicas de masculinidade, mas lhes conferem novos contornos, atravessados por uma lógica de intensificação identitária e de

captura pulsional, particularmente no período da adolescência, quando a subjetividade encontra-se em processo de transição.

A investigação das masculinidades e do masculinismo evidenciou que a emergência de discursos misóginos em ambientes digitais não pode ser lida como um fenômeno isolado, mas como parte de um projeto ideológico mais amplo, sustentado por um imaginário defensivo que busca restaurar uma posição simbólica de supremacia masculina. Ao analisar os vínculos entre o masculinismo e os regimes políticos de extrema direita, ficou claro que há um pacto discursivo que mobiliza afetos regressivos, nostalgia identitária e ressentimento como estratégia de manutenção do poder patriarcal.

Assim, a partir de uma leitura psicanalítica, sustentou-se que o sujeito adolescente se constitui por meio de identificações que se deslocam dos referenciais parentais para figuras externas de autoridade simbólica. Nesse sentido, o cenário digital, com seus influenciadores e algoritmos, oferece ideais imaginários de masculinidade que operam como suplência simbólica frente à falta constitutiva da experiência adolescente. Observou-se que esse processo produz efeitos subjetivos significativos, pois transforma a adolescência em terreno fértil para a captura por discursos que prometem identidade, reconhecimento e completude, ao custo da negação da alteridade e do desejo.

As mídias digitais, em suas distintas plataformas, distantes de qualquer pretensa neutralidade, operam como dispositivos simbólicos que não apenas veiculam imagens de masculinidade, mas configuram afetos, orientam desejos e modulam modos de subjetivação. O sujeito adolescente, exposto a um regime de visibilidade permanente, é interpelado por ideais de força, virilidade e controle que se apresentam como parâmetros normativos do que seria “ser homem”. Trata-se, portanto, de um processo marcado por intensificação da demanda de gozo e pela espetacularização de modelos fálicos de masculinidade que, paradoxalmente, acentuam a vivência de angústia, fracasso e inadequação.

Como desdobramento, propõe-se que futuras pesquisas lancem mão de estudos empíricos, como entrevistas clínicas, observações etnográficas e análise de dados digitais, com atenção aos marcadores interseccionais. Conclui-se que os discursos masculinistas, ao se sustentarem em fantasias de completude fálica e lógicas de ódio, operam como defesas frente às transformações históricas nas relações de gênero, interditando modos plurais de subjetivação masculina. Diante disso, impõe-se o desafio ético de sustentar espaços, tanto no laço social, quanto na escuta analítica, que possibilitem aos

adolescentes atravessar suas formações subjetivas sem recorrer à adesão compulsiva a ideais violentos de masculinidade.

## REFERÊNCIAS

Aberastury, Arminda.; Knobel, Marcelo. **A adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1970.

Adolescência. [Minissérie]. Direção: Philip Barantini. Produção: Jack Thorne e Stephen Graham. Reino Unido: **Netflix**, 2025. (229 minutos), son., color.

Alberti, Sonia. **O adolescente e o Outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Ariès, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

Baptista, Angela; Jerusalinsky, Julieta. **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017.

Bauman, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Bourdieu, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Caldas, Cimara Bandeira de Sousa. **“Bem-me-quer, mal-me-quer”**: o feminino infamiliar e a violência contra a mulher. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2025.

Collins, Patricia Hill. **Intersecções letais**: raça, gênero e violência. São Paulo: Boitempo, 2024.

Dupuis-Déri, Francis. Le "masculinisme": une histoire politique. *Recherches féministes*, Canada, v. 22, n. 2, p. 97-123, 2009. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/rf/2009-v22-n2-rf3635/039213ar/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

Fernandes, Carla Montuori; Oliveira, Luiz Ademir; Moraes, Ana Luiza Vieira. Masculinismo e misoginia no programa Jovem Pan Morning Show. **Caderno CRH**, Salvador, v. 37, p.1-18, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/58947/36395>. Acesso em: 7 out. 2025.

Ferrante, Elena. **A vida mentirosa dos adultos**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

Freitas, Elisa Aires Rodrigues de; Silva, Luiz Carlos Avelino da. Escritas de si mesmo: os adolescentes e seus blogs. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 139-157, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/TtKtKYG3BgYXmVVt4dp9nPF/?lang=pt>. Acesso em: 7 out. 2025.

Freud, Sigmund. **Sobre o narcisismo**: uma introdução (1914). Rio de Janeiro: Imago, 2010.

Freud, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Guattari, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1992.

Lacan, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Macedo, Mônica Medeiros Kother (org.). **Adolescência e psicanálise**: intersecções possíveis. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

Mesquita, Yukimi Mori; Corrêa, Hevellyn Ciely da Silva. A "masculinidade tóxica" em questão: uma perspectiva psicanalítica. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 21, n. 1, p. 1-13, 2021. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=). Acesso em: 5 fev. 2023.

Miller, Jacques-Alain. **O parceiro-sintoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

Oliveira, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

Osgerby, Bill. **Youth in Britain since 1945**. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

Rassial, Jean-Jacques. O sintoma adolescente. **Estilos da clínica**, [s. l.], v. 4, n. 6, p. 89-93, 1999.

Silva, Bruna Camilo de Souza Lima e. **Masculinismo**: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belo Horizonte, 2023.

Silva, Sérgio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 118-131, mar. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932006000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 jun. 2025.

Silva, Gabriela Peixoto Vieira; Oliveira, Elismênia Aparecida. Masculinidades predatórias, ódio contra as mulheres e necropolítica: um estudo a partir do cenário brasileiro. *In: Encontro Internacional da Rede Feminista do Norte e Nordeste de estudos e pesquisas sobre mulher e relações de gênero*, 20., 2018, Salvador. Anais [...]. Salvador: Rede Feminista do Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero, 2018.

Sodré, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

Voks, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, [s. l.], n. 37, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/JGthW55b5gyjjZQvBzdC9tG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 fev. 2023.

Submissão em 27 de julho de 2025.  
Aceite em 16 de outubro de 2025.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>